



## Retórica e filosofia nas *Epístolas* de Horácio

Camilla Ferreira Paulino da Silva<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v5i1.10513>

### Resumo:

Nesse artigo, discutimos alguns aspectos da retórica e da filosofia presente na obra *Epístolas* de Horácio. Conforme a educação recebida pelos romanos e o modo de conceber o artefato literário no século I a.C., buscamos demonstrar que nesse livro Horácio se valeu do discurso deliberativo para compor a cenografia dos poemas e que a persona construída por Horácio pode ser vista como a de um poeta-filósofo.

**Palavras-chave:** Horácio; *Epístolas*; Retórica; Filosofia

### Abstract:

In this article, we discuss some aspects of rhetoric and philosophy in the work *Epistles* of Horace. According to the education received by Romans and the way of conceive the literary artifact in the first century BC, we sought to demonstrate that in this book Horace used the deliberative speech to compose the scenography of his poems and also that the persona constructed by Horace can be seen as that of a poet-philosopher.

**Keywords:** Horace; *Epistles*; Rhetoric; Philosophy

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação da Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite, e bolsista Capes. Mestre em História Social das Relações Políticas pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGHis) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Integrante do Laboratório de Estudos Sobre o Império Romano (LEIR) e do Programa de Altos Estudos em Representações da Antiguidade (PROAERA).



Na Roma Antiga, a educação serviu a um projeto de reprodução do arranjo social vigente, bastando perceber que a formação considerada de excelência era cara e, portanto, direcionada aos principais grupos articulados ao poder<sup>2</sup>. Ainda que não fossem estabelecidas por lei e nem fosse algo uniforme, as escolas possuíam traços gerais tal como a naturalização do modelo educacional helenístico, a partir do qual os romanos absorviam o que lhes interessava e descartavam o que não coubesse ao seu modelo social. Assim, a educação não servia para uma popularização do ensino e sim para a reprodução do sistema social existente, trabalhando em prol da manutenção do *status quo* social excludente (CORBEILL, 2001, p. 261-2).

A educação romana, tanto no ensino das letras, das leis ou das armas, a princípio, era uma responsabilidade dos pais das crianças, devido a sua posição privilegiada na hierarquia familiar e à deferência conferida aos *maiores* pela sociedade romana (BONNER, 2012, p. 11). Com o passar dos anos, a observação de oradores e políticos famosos discursando também fazia parte da formação, existindo, inclusive, a prática chamada *tirocinium fori*, que consistia na permissão aos adolescentes da elite para acompanhar os políticos conhecidos em suas audiências no Fórum, onde aprendiam, por meio de exemplos, a se expressar e tomar posições em querelas políticas<sup>3</sup>. Nota-se assim que desde cedo esses romanos abastados eram introduzidos aos postos de poder. Ademais, além desse privilégio, os membros da elite contavam ainda com a oportunidade de viajar para locais como Atenas e Rodes, centros de estudos de retórica e filosofia (CORBEILL, 2007, p. 71).

A retórica<sup>4</sup> era uma disciplina predominante no ensino de elite no século I a.C., uma vez que a arte da persuasão era vista como essencial para a boa desenvoltura de um cidadão romano, que discursaria em toda a sua vida pública, conforme Cícero observa (*De Orat.* 1.157). Independentemente da época, a fixação de valores e sua afirmação foi utilizada pela retórica,

---

<sup>2</sup> Suetônio (*Gram.* 3, 17, 23) fala dos altíssimos valores que os gramáticos recebiam para ensinar, por exemplo.

<sup>3</sup> Tácito (*Dial.* 34.1-2) fala sobre tal prática como sendo algo de dias anteriores aos dele, quando jovens eram colocados, pelos seus pais ou familiares, sob os cuidados de um orador que estivesse em posição de liderança em Roma. Eram as obrigações desse jovem acompanhar o orador, apoiando-o em seus argumentos, escutando-o atentamente e aprendendo assim a defender uma causa em público. Era esse método que, de acordo com Tácito, assegurava aos jovens romanos a experiência, domínio de si e o fornecimento do que era tido como bom-senso.

<sup>4</sup> Para significar retórica, proveniente do grego *rhetoriké*, os romanos utilizaram *eloquentia* e *ars dicendi* (PERNOT, 2005, p. 102). Assim como Hansen (2013, p. 11-2) argumenta, a retórica, pensada como adjetivo – para evitar a ideia de que há uma única e fechada retórica –, pode ser entendida como um procedimento de organização da fala de acordo com técnicas que visam à persuasão. Essa fala, porém, não se restringe ao discurso oral, mas era aplicada aos mais variados meios de se produzir um discurso, dentre eles a poesia.

segundo os interesses da ordem vigente, que se modificava com o passar do tempo (CORBEILL, 2007, p. 70). A retórica, assim, possuía um papel fundamental na construção das identidades sociais, exercendo grande influência não só nos debates políticos, mas também no desenvolvimento da literatura romana (DOMINIK; HALL, 2007, p. 3). Como Suetônio (*Ret.* 1) registra, a partir de um édito de 92 a.C., censores viram o ensino das escolas de retórica, muito popular então, como um grande perigo à formação dos jovens romanos e recriminaram tal prática. Isso ocorreu devido ao fato de esses rétores estarem introduzindo uma nova forma de instrução, que poderia ir de encontro ao que esses censores entendiam como parte do *mos maiorum*, importante valor que estaria sendo negligenciado nessas novas escolas (ALEXANDER, 2007, p. 106)<sup>5</sup>. Ao contrário, porém, dessa censura, ocorreu uma crescente popularização de tal ensino, proveniente do contato com o mundo grego, tanto nas escolas quanto no número de professores particulares (STROUP, 2007, p. 30). Cabe mencionar, porém, que se trata da popularização entre as elites, e prova disso é que, dos 39 professores particulares atuantes em Roma que conhecemos, quase 30 eram escravos ou libertos sob tutela de seu ex-dono, demonstrando que somente a elite poderia custear tal aprendizado, tornando a educação uma forma de distinção social, que diferenciaria os membros da elite daqueles que não teriam condições de obter o ensino retórico (CORBEILL, 2007, p. 70).

Quinto Horácio Flaco, poeta sobre cuja obra nos debruçaremos, embora não fosse de uma família tradicional romana, ou seja, embora não pertencesse à aristocracia, não fugiu à regra no que diz respeito à educação. Seu pai, um liberto, teria atuado como *coactor auctioinum*, atividade lucrativa, e possuía, por isso, boa condição financeira (Suet., *Vit. Hor.* 1). De acordo com o próprio poeta, é possível que ele tenha tido acesso a uma das melhores educações possíveis à época. Exemplo disso consta na *Sátira* I. 6, na qual Horácio faz uma *laudatio* a Mecenas pelo fato de ele, de família distinta, não depreciar homens de baixo nascimento, chamando a atenção do ouvinte/leitor para o fato de que houve época em que homens ascenderam em Roma pelo mérito, não pela ancestralidade. No centro da sátira, o poeta fala de seus próprios méritos e de como eles são

---

<sup>5</sup> *Mos maiorum* pode ser traduzido por costume dos ancestrais. Vários romanos reivindicaram que eram os verdadeiros seguidores de tais costumes. Cumpre ressaltar que, em Roma, portar-se como adepto da cultura dos antepassados romanos era muito bem visto, e por isso era *topos* recorrente na literatura em geral. Ademais, é possível que os censores estivessem preocupados que a popularização dessas escolas, as quais ensinavam retórica em latim (e era costume em Roma, à época, que o jovem fosse instruído em grego, e sob modelos gregos), estaria ameaçando a prática do *tirocinium fori*, a partir da qual os mais velhos poderiam moldar o aprendizado dos mais jovens, auxiliando na manutenção da soberania da elite (SCHMIDT, 1975 apud ALEXANDER, 2007, p. 107).

consequência da educação que seu pai lhe dera. É nessa parte que os seguintes versos são enunciados:

[...] se vivo querido pelos meus amigos, meu pai foi a causa dessas coisas. Ele que, pobre, com um pequeno campo estéril, não quis me enviar para a escola de Flávio [...]. Mas ousou levar-me, menino ainda, a Roma, para aprender as disciplinas que qualquer cavaleiro ou senador mandava ensinar aos próprios filhos. (v. 70- 8)<sup>6</sup>

Horácio, nesse trecho, constrói a imagem de que, conquanto seu nascimento não fosse nobre, o pai lhe possibilitara a melhor educação, digna de um senador. O pai, cujo nome não conhecemos e que foi um liberto bem sucedido nos negócios, concedeu ao filho uma formação que lhe proporcionasse alcançar uma progressão social, já que a *paidea* era elementar para que um romano, ainda mais sem pertencer aos círculos tradicionais da elite, fosse bem sucedido (ARMSTRONG, 2010, p. 11). Desse modo, podemos afirmar que Horácio está incluído entre os que tiveram a educação habitual romana de sua época, não sendo, portanto, surpresa encontrar em seus escritos a reprodução de valores das camadas mais abastadas, afinal, Horácio incluía-se nelas. Destaca-se o fato de o poeta inclusive ter sido enviado a Atenas para estudar filosofia e completar seus estudos, algo que somente os filhos dos mais ricos aristocratas teriam condições de fazer (ARMSTRONG, 2010, p. 17).

Em Roma, a palavra falada era de extrema importância por ser utilizada nas mais variadas formas da vida pública, o que quer dizer que os discursos serviam para a promulgação de regras que seriam seguidas por todos. Daí a importância de que a comunicação romana fosse normatizada e, em uma sociedade aristocrática, na qual os homens eram formados para eventualmente exercer ofícios públicos, a educação priorizasse a arte do bem falar. Alexander (2007, p. 106) salienta que ,devido à utilidade da oratória no cotidiano político romano (nos julgamentos, no Senado etc.), criou-se um verdadeiro mercado para educação em retórica, principalmente a partir das primeiras décadas do século I a.C. Como Pernot (2005, p. 90) assevera, os tribunais ocorriam em vários locais em Roma, especialmente no *Forum*, ao ar livre e permitindo que um vasto público assistisse, em um verdadeiro espetáculo de disputa oratória, com direito a desfile de testemunhas, amigos, familiares,

---

<sup>6</sup> “[...] *si et vivo carus amicis,/ causa fuit pater his; qui macro pauper agello/ noluit in Flavi ludum me mittere,[...] sed puerum est ausus Romam portare docendum/ artis quas doceat quivis eques atque senator/ semet prognatos.*” Tradução de Paiva (2013).

clientes, e à teatralidade inerente à vida pública e política romana, como a utilização de vestes de luto e a exposição das *imagines* de mortos<sup>7</sup>.

A princípio, a educação para essa oratória era proveniente do exemplo dos ancestrais<sup>8</sup>, mediada pelo *pater familias*, que instruiria seu filho a imitá-lo e, nesse processo, o cidadão reproduziria os valores do seu estamento social e da sua família (PERNOT, 2005, p. 85-6). Com o passar do tempo e a sofisticação do *modus educandi*, a observação dos oradores e a introdução da retórica na educação através de manuais (como o tratado anônimo *Retórica a Herênio*, por exemplo) tornaram-se elementos essenciais para a formação do romano, dado o papel essencial da oratória na vida política (ALEXANDER, 2007, p. 98).

No processo formativo, a literatura também possuía um papel fundamental, fornecendo os *exempla* de valores culturais considerados basilares para o desenvolvimento político e social de um romano (KEITH, 2004, p. 11)<sup>9</sup>. Além disso, conforme Habinek (1998, p. 62), o artefato literário “carrega consigo vários tipos de poder: o poder de impor uma diferenciação de *status*, de restringir as crenças e condutas humanas, e o de resolver as disputas sobre valor”<sup>10</sup>.

Termos como “retórica” e “literatura” são formas de categorizar o mundo, destacando as diferentes possibilidades de uso da linguagem, as quais, em Roma, não se apresentavam separadamente. Em termos simplórios, a retórica estaria ligada ao bem falar e a literatura ao mundo escrito; mas, em uma cultura oral como foi a romana, é tarefa quase anacrônica separar as duas coisas desse modo, basta que pensemos no modo como eram produzidos e publicados os livros

---

<sup>7</sup> Por teatralidade estamos pensando na forma como os romanos utilizavam uma série de símbolos e ritos para publicamente demonstrar o poder e lugar de destaque dentro da estrutura social. Roma era uma sociedade do espetáculo, na qual os rituais públicos serviam às elites como forma de legitimar o seu papel dentro da ordem vigente, tal como Apostolidès (1993, p. 10) afirmou: “O cerimonial [...] tem por função tornar visível o imaginário do corpo simbólico. [...] longe de serem autônomas, as diferentes artes só encontram sua vitalidade no discurso político que as organiza”.

<sup>8</sup> Como Pernot (2005, p. 84) aponta, enquanto no mundo grego a literatura moldou, desde o princípio, os diferentes usos da arte de falar, em Roma isso ocorre de modo diverso, pois, diferente do que ocorria na Hélade, os romanos não possuíam um antecedente literário tal como Homero fora para os gregos. O ancestral que serviria como modelo a ser imitado era um orador de nome Ápio Cláudio Cego, que viveu entre os séculos IV e III a.C, e que contava com sua posição social para garantir validade aos seus discursos. Dessa forma fica evidenciada, desde o modelo de orador ideal, a importância, em Roma, da *grauitas* e da *auctoritas* do orador no discurso, uma vez que este seria ouvido devido ao seu *status* na *Vrbs*, o que conferiria valor às suas palavras.

<sup>9</sup> Em Platão (*Rep.*, 10.606e) já vemos como os poetas eram vistos como excelentes educadores no mundo antigo, na passagem em que Homero é retratado como aquele que educou toda a Grécia.

<sup>10</sup> “*carries with it various sorts of power: the power to enforce status differentiation, to constrain human belief and conduct, and to finesse disputes over value.*”

romanos (FOX, 2007, p. 369-70)<sup>11</sup>. A evidência de um encontro mais próximo entre retórica e literatura em Roma dá-se pelas declamações, prática central a toda educação retórica a partir da República tardia, e o sucesso de tal disciplina deveu-se ao fato de que ela fornecia regras que podiam ser aplicadas às mais variadas situações (FOX, 2007, p. 373). Citamos, ademais, a seguinte passagem de Cícero (*Orat.*, I. 70), na qual ele aproxima a prática do orador com a do poeta:

De fato, o poeta está muito próximo do orador: um pouco mais limitado pelo metro, mais livre, porém, em virtude da licença no uso das palavras, colega e quase igual nos gêneros de ornamento; certamente quase idênticos num ponto: não circunscrever ou restringir por quaisquer limites o seu direito, sem que lhes seja permitido vagar à vontade pelo uso daquela mesma faculdade e copiosidade.<sup>12</sup>

É diante de evidências como esta que concordamos com considerações como as defendidas por Webb (2009), que, ao discutir a categoria antiga *écfrase* no contexto dos manuais de retórica, desmistifica os usos de tal termo quando aplicado à leitura da literatura moderna. Da mesma forma, parece-nos que as categorias modernas restringem demais a poética antiga, quando, efetivamente, ela consistia em uma prática social mais fluida, com categorias mais abertas e não restritas à teoria que dela se ocupou. Assim, torna-se importante “situar a teoria antiga e a prática em seu próprio contexto, no qual os conceitos de ‘literatura’ e ‘arte’ não tinham os contornos modernos e no qual a linguagem desempenhava um papel diferente” (WEBB, 2009, p. 9). Concordamos ainda com Cairns (2010, p. 31), para quem a poesia antiga era composta consoante a vastidão de regras provenientes dos mais variados gêneros. Sendo assim, essas regras podem ser explicitadas por meio de uma análise que leve em conta como os antigos livros de retórica lidavam com as questões de gênero. A primeira delas é o entendimento de que, na Antiguidade, não existia uma fronteira fixa entre retórica e poesia (CAIRNS, 2010, p. 36)<sup>13</sup>. Tendo feito essa ressalva e mantendo em mente que a retórica possuía, conforme demonstrado, papel fundamental na formação do homem romano, propomos

---

<sup>11</sup> O processo de publicação no mundo romano diferia em muitos aspectos do nosso. Ao usar o termo publicação estamos nos referindo ao ato de tornar um texto público, fato que, no século I a.C., ocorria principalmente nas *recitationes*, prática de recitar um texto para uma audiência, seja ela mais ampla ou restrita. A lógica de publicar um livro em Roma afasta-se das nossas premissas, ligadas à distribuição da obra por vendedores, livrarias e afins (WINSBURY, 2009, p. 87; 90-1).

<sup>12</sup> “*Est enim finitimus oratori poeta, numeris astrictior paulo, verborum autem licentia liberior; multis vero orandi generibus socius ac paene par; in hoc quidem certe prope idem, nullis ut terminis circumscribat aut definiat ius suum, quo minus ei liceat eadem illa facultate et copia vagari qua velit*”. Tradução de Scatolin (2006).

<sup>13</sup> O mesmo autor complementa que “*The generic formulae were not confined to the narrow purposes of rhetorical instruction but were part of the cultural and social heritage of all educated men in antiquity*”, “As fórmulas genéricas não eram confinadas a propósitos limitados, mas eram parte de uma herança cultural e social de todo homem educado na Antiguidade” (CAIRNS, 2010, p. 37).

observar as *Epístolas* sob um viés retórico, pois acreditamos que possa ser profícuo para ampliar o debate sobre tal obra horaciana.

## 1. Retórica e *Epístolas*

Como expressa Aristóteles (*Ret.* 1355b 12-14), a retórica não se restringe a nenhum gênero particular, e tem como função definir quais são os meios mais persuasivos em cada situação. Aristóteles (*Ret.* 1356a 3-4), aliás, define como três os modos de construir provas para alcançar a persuasão: pelo caráter moral do orador, no modo como se dispõe o ouvinte e pelo próprio discurso. A primeira forma de conseguir credibilidade com o público é particularmente bem trabalhada por Horácio, que constrói uma *persona* epistolar proba, digna de confiança, moralista e em consonância com seu discurso, pois, conforme Aristóteles (*Ret.* 1356a 6), é importante para a persuasão a seriedade de quem e do que se fala. Exemplos disso podem ser vistos ao longo do livro, quando, por exemplo, Horácio recomenda aos seus destinatários que busquem o caminho da sabedoria e dos sábios (e.g. Hor., *Ep.* I. 2), colocando-se, em muitas passagens, como um deles, como na *Epístola* I. 7 (v. 22-24), na qual, respondendo a Mecenas, justifica sua ausência, mas mostra-se grato ao seu patrono quando diz que “*Vir bonus et sapiens dignis ait esse paratus, [...], dignum praestabo me etiam pro laude merentis*”, “O homem bom e sábio diz estar de prontidão aos que merecem [...], pronto mostrar-me-ei também, para a glória de meu benfeitor”<sup>14</sup>. O poeta, dessa forma, faz uma associação entre si e “o homem bom e sábio”.

A segunda forma de obter persuasão remete ao que Horácio enuncia na *Arte Poética* (v. 99-100): “*Non satis est pulchra esse poemata; dulcia sunt/ et, quocumque uolent, animum auditoris agunto*”, “Não basta que os poemas sejam belos: força é que sejam emocionantes e que transportem, para onde quiserem, o espírito do ouvinte”<sup>15</sup>, ou seja, há persuasão por meio das emoções que o orador consegue fazer o seu público sentir.

A terceira forma, a persuasão pelo discurso em si, funciona ao mostrar a verdade ou argumentar logicamente de modo que o que se profere tenha aparência de verdade. Isso fica

<sup>14</sup> Todas as traduções das *Epístolas* são de Piccolo (2009).

<sup>15</sup> Tradução de Fernandes (1984).

demonstrado pelo número de *sententiae*, das quais falaremos abaixo, empregadas nas *Epístolas* pelo poeta em suas argumentações, advindas de preceitos filosóficos ou da sabedoria popular.

Pernot (2005, p. 42) afirma que a retórica aristotélica tinha como fim o convencimento em situações nas quais o pronunciamento didático era inapropriado e, desse modo, era necessário argumentar por meio de opiniões que o orador saberia serem aceitáveis ao seu público receptor, como no caso das *Epístolas*, que não se tratava de uma poesia didática<sup>16</sup>. Desse modo, acreditamos que Horácio apropriou-se do gênero deliberativo para compor as suas epístolas (e aí incluímos a *Epístola aos Pisões*, a *Epístola a Augusto* e a *Epístola a Floro*), de modo a tornar verossímil a *persona* e o cenário construído pelo poeta no decorrer desses poemas.

O gênero deliberativo é aquele utilizado pelo orador que busca a dissuasão ou o aconselhamento, cujo tempo é o futuro, uma vez que só se aconselha pensando no que pode vir a ser, e que tem como fim o conveniente ou o prejudicial (ao recomendar o melhor ou ao desaconselhar o pior), tal como expresso por Aristóteles (*Ret.* 1358b 4-5).

Podemos afirmar que em todas as epístolas existem aconselhamentos. Para fornecer uma evidência disso, citamos uma passagem da *Epístola* I.17 (v. 3), na qual Horácio assim se dirige a Ceva: “*Quamuis, Scaeva, satis per te tibi consulis [...] / disce, docendus adhuc quae censet amicus*”, “Embora, Ceva, por teus próprios meios cuides bem o bastante de ti [...] / aprende o que pensa teu humilde amigo”, seguindo com uma série de recomendações ao amigo. No mesmo poema (v. 15-7), Horácio coloca-se na posição de sábio/experiente e Ceva na de aprendiz/inexperiente: ao contrapor argumentos de Diógenes, representante dos Cínicos, e de Aristipo, representante da escola hedonista de Cirene, Horácio pergunta a Ceva: “*Vtrius horum / uerba probes et facta, doce, uel iunior audi / cur sit Aristippi potior sententia*”, “Desses dois, / quais palavras e atos aprovas, diz-me; ou, como és jovem, ouve / por que é melhor a opinião de Aristipo”, partindo em seguida para uma argumentação deliberativa.

Os assuntos concernentes às epístolas também cabem bem na continuação da descrição aristotélica sobre o discurso deliberativo: “São os que naturalmente se relacionam conosco e cuja produção está nas nossas mãos. Pois desenvolvemos a nossa observação até descobrirmos se nos é possível ou impossível fazer isso” (*Arist., Ret.* 1359b). Ainda que Aristóteles estivesse pensando no

---

<sup>16</sup> Braren (1999, p. 39) afirma, inclusive, que as epístolas permitem ao escritor filosofar de forma mais leve, sem o rigor da redação de um tratado filosófico didático.



orador (e não no poeta) ao escrever esses preceitos na *Retórica*, e por isso resume em cinco os temas sobre os quais os oradores deliberativos tratam (a saber, finanças, guerra e paz, defesa nacional, importações e exportações, e legislação, cf. Arist., *Ret.* 1359b-1360a), é instigante perceber que a finalidade do discurso deliberativo, a felicidade (Arist., *Ret.* 1360b), está presente em todos os aconselhamentos de Horácio, já que ele escreve de modo a exortar o bem-viver. Alguns exemplos: na *Epístola* I.2 (v. 40-53) o poeta exorta Lólio a aprofundar-se nos estudos, aprendendo a domar os desejos e assim alcançar a felicidade; na *Epístola* I.3 (v. 30-6), recomenda que Júlio Floro retome a amizade com Munácio, a fim de que viva dignamente; na *Epístola* I.4 (v. 12-4), aconselha Tibulo, que é um homem sábio e leva uma vida feliz, a aproveitar cada momento como se fosse o último; na *Epístola* I.6 (v. 1-2), diz a Numício que a chave para se alcançar e preservar a felicidade é nada admirar, e complementa (v.29-31): “*Vis recte uiuere (quis non?):/si uirtus hoc una potest dare, fortis omissis/ hoc age deliciis*”, “Queres viver bem (e quem não?):/ se apenas a virtude pode dar isso, bravamente, abandonados/ os prazeres, faz isso já”.

Aristóteles (*Ret.*, 1362b 6) argumenta que o orador não delibera sobre o fim, mas sobre os meios que conduzem a determinado fim; sendo que esses meios devem ser convenientes e, conseqüentemente, bons, Aristóteles faz a definição de tais termos. Após uma longa descrição sobre o que são as coisas boas (a felicidade, a justiça, a coragem, a saúde, a riqueza, a amizade, a honra, a vida etc.), diz que “o que não é excessivo é bom, e o que é maior do que deveria ser é mau” (Arist., *Ret.* 1363a). A moderação está aqui atestada como algo bom, assim como em várias passagens de Horácio (e.g. *Ep.* I.2 v. 46: “*quod satis est cui contingit, nil amplius optet*”, “Aquele que alcança o que basta, que nada mais deseje”). Aristóteles (*Ret.*, 1378a 4-7) também menciona que o bom senso, a virtude e a benevolência são as causas que tornam um orador persuasivo, e nenhuma delas pode ser alcançada pelo excesso, somente pela moderação<sup>17</sup>.

Compreender que as *Epístolas*, como mencionamos, incluem-se no gênero deliberativo é, aliás, um caminho para explicar a polêmica relação entre as *Sátiras* e as *Epístolas*. Tais obras foram e ainda são interpretadas por alguns como ambas pertencentes ao gênero *satura*, sendo o livro de epístolas uma continuidade dos dois primeiros de sátiras<sup>18</sup>. Discordamos de tal visão e parece-nos uma explicação para a diferença entre essas obras a chave retórica principal utilizada para compor o

<sup>17</sup> Cf. *Ética a Nicômano*, especialmente o livro 10, sobre a felicidade como “caminho do meio”.

<sup>18</sup> Cf. Hendrickson (1897), Knoche (1969), Whybrew (2006).

livro como unidade. Nesse sentido, as *Epístolas* são sobretudo deliberativas, enquanto as *Sátiras*, tendo a invectiva como característica, incluem-se no gênero demonstrativo (ou epidítico)<sup>19</sup>. Evidente que o elogio e o vitupério aparecem nas *Epístolas*, bem como o aconselhamento nas *Sátiras*, porém a tônica geral de tais textos diverge, quando lemos os livros como um todo.

Segundo Pernot (2005, p. 43), Aristóteles ressalta, no decorrer de sua *Retórica*, o fato de o orador, para convencer, precisar explorar ideias e valores já existentes em seu público. As orientações que Horácio concede no decorrer de seu livro estão, pois, em consonância com o que era esperado do comportamento ideal de um romano, mas principalmente de um cidadão pertencente ao convívio social de Horácio e seus amigos. Isso fica demonstrado pelo uso das *sententiae*.

As *sententiae* são recursos retóricos utilizados para criar frases que se tornam memoráveis e aplicáveis a diversas situações e em outros textos literários, mesmo quando retiradas do contexto original, sendo vistas como o ápice da arte retórica e o legado mais perene do autor antigo (DINTER, 2010, p. 52). Aristóteles (*Ret.* II. 1394a-1395a), ao falar sobre a importância das máximas na argumentação, sendo elas sempre aplicáveis ao geral e não ao específico, prescreve o uso de máximas comuns e corriqueiras para que haja, entre o público receptor, um consenso em torno das afirmações de quem profere um discurso<sup>20</sup>. O uso das máximas em um discurso deve considerar agradável aos ouvintes que o orador fale em termos gerais a respeito do que o público já compreende em termos particulares, fazendo com que o orador tenha que levar em consideração os pressupostos de seu público, tenha que conhecê-lo bem (Aristóteles, *Ret.*, 1359b). Alguns exemplos de *sententiae* nas *Epístolas*: “*Est quadam prodire tenus, si non datur ultra*”, “É válido avançar até

<sup>19</sup> Vale pontuar que as características do epidítico estão todas presentes nas *Sátiras*, bem como as do deliberativo nas *Epístolas*. Citamos o resumo feito por Carvalho (2014, p. 42): “[...] o epidítico é realizado no tempo presente, já que as virtudes e os vícios devem acordar com o que era ou não aceito naquele período em que foi proferido o discurso, diferentemente dos outros dois gêneros. Por exemplo, no judicial, o orador defende ou acusa alguém sobre algo que ocorreu no passado, enquanto no deliberativo, a finalidade do orador é aconselhar sobre algo futuro. O epidítico também possui a finalidade de persuadir um número ilimitado de pessoas, diferente, também, dos outros gêneros que deveriam persuadir um juiz, no caso do forense, ou uma assembleia, no caso do deliberativo.” É digno de nota observar que, por meio do gênero retórico, a persuasão nas epístolas seria para um número limitado de pessoas – o que reforça o apelo epistolar de tal obra. Evidente que, como defendemos no texto, há um entrecruzamento e contradições na obra que a complexificam, e, assim, sendo epístolas poéticas, não se limitam nem ao que era esperado de uma epístola comum, nem ao que era esperado de um poema.

<sup>20</sup> Aristóteles (*Ret.* II. 1395b) diz que “a máxima é uma afirmação universal, mas o que agrada aos ouvintes é ouvir falar em termos gerais daquilo que eles tinham pensado entender antes em termos particulares”, e, sendo dessa forma, “o orador deve conjecturar quais as coisas que os ouvintes de fato têm subentendidas e assim falar dessas coisas em geral”. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena (2005). Tais assertivas aristotélicas são importantes de se ter em mente, pois se ao orador era essencial que este buscasse discursar pensando no público, o mesmo se dá com o poeta ao veicular sua poesia.

certo ponto, se não é dado ir além” (Hor., *Ep.* I.1, v. 32); “*Virtus est uitium fugere*”, “Virtude é fugir do vício” (Hor., *Ep.* I.1, v. 41); “*Dimidium facti, qui coepit, habet*”, “Metade do feito tem quem começou” (Hor., *Ep.* I.2, v.40); “*quod satis est cui contingit, nil amplius optet*”, “Aquele que alcança o que basta, que nada mais deseje” (Hor., *Ep.* I.2, v.46).

Por meio dessas *sententiae*, Horácio podia resumir uma ideia em um hexâmetro que seria memorável, podendo retratar seja um provérbio (e antigos provérbios eram expressos em unidades métricas) ou alguma ideia filosófica, seja a tradução de preceitos morais de filósofos gregos<sup>21</sup>. Assim, ao empregar o hexâmetro nas *Epístolas*, Horácio conferia uma dimensão extra aos seus versos na manifestação de preceitos filosóficos, pois ele permitia ao poeta comunicar aspectos da filosofia de modo sucinto e habilidoso, em uma unidade não disponível aos escritores em prosa (HARRISON, 1995, p. 51-2).

## 2 – Filosofia e *Epístolas*

Alguns comentadores apontaram para a influência de Sócrates para a concepção ética presente nas *Epístolas*. Para Mayer (1986, p. 72), o poeta é, de fato, socrático, não se aliando a nenhuma outra escola filosófica (estoica, epicurista, cínica), uma vez que nenhuma delas poderia responder às suas questões sobre o bem viver; para Horácio, isso deveria ser respondido individualmente, na investigação cotidiana, tal como Sócrates o fizera, pois ninguém tem as respostas prontas.

A busca por princípios éticos independente e contínua torna Sócrates essencial na construção do Horácio filósofo (CUCCHIARELLI, 2010, p. 309). As próprias auto-depreciações elaboradas por Horácio em sua construção de uma *persona* que erra, tem dúvidas e que está em busca do aperfeiçoamento, manifestam a influência de Sócrates, o qual busca a verdade por meio do debate dialogado, junto com seus pupilos, numa relação em que todos os interlocutores ensinam e aprendem ao mesmo tempo, algo bem expressado ao longo das *Epístolas* (MOLES, 2002, p. 148). Cumpre lembrar da passagem do próprio Horácio (*Ars* 309-11) em que Sócrates é mencionado

---

<sup>21</sup> Harrison demonstra que Horácio traduz versos dos seguintes escritores e nas seguintes epístolas: Aristipo (*Ep.* I.1, v. 19), Platão (*Ep.* I.1, v. 52), Sócrates, em Xenofonte (*Ep.* I.16, v. 17), Aristóteles (*Ep.* I.18, v. 9) e Epicuro (*Ep.* I.4, v. 13 e I.17, v. 10).

como mestre: “*Scribendi recte sapere est et principium et fons./ Rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae,/ uerbaque prouisam rem non inuita sequentur.*” “Ser sabedor é o princípio e a fonte do bem escrever. Os escritos socráticos já te deram ideias e agora as palavras seguirão, sem esforço, o assunto imaginado”<sup>22</sup>.

Assim, voltamos a atenção agora para a influência que a retórica socrática exerceu em tal livro. No diálogo com Górgias, Sócrates define a retórica como arte produtora de persuasão (Platão, *Górgias* 453a), porém na sequência os sofistas (Górgias, Cálicles e Polo) demonstram que, para eles, a retórica serve para o convencimento em prol de si mesmos, não se preocupando com a justiça, mas somente com o modo de dominar e impor suas vontades. Há, pois, uma severa crítica a essa retórica dos sofistas, a qual se contraporia à filosofia. Contudo, no decorrer do diálogo, Platão evidencia a possibilidade de uma retórica boa, fruto de oradores virtuosos, que buscam produzir cidadãos honrados por meio dos discursos e que tomam o supremo bem como fim (Plat., *Gorg.* 503b3). Esse tipo de retórica, como já exemplificamos neste texto, expressa bem o que Horácio busca difundir em sua obra, uma vez que seu objetivo é tratar sobre “*quid uerum atque decens*”, “o que é correto e convém” (Hor., *Ep.* I.1, v. 11), justamente os preceitos que preocupavam Sócrates frente aos sofistas que almejavam somente o uso da linguagem para usufruto, independentemente da veracidade e honradez do discurso<sup>23</sup>.

Há, inclusive, a construção de argumentos que levam a crer que Sócrates é o rétor legítimo, pelo menos no que é caracterizado por Platão como sendo a retórica “verdadeira”, elogiada no *Górgias*. Lopes (2008, p. 69), com base na *Apologia de Sócrates* (17a-b), argumenta que Sócrates aceita a alcunha de “verdadeiro rétor”, se tal epíteto for compreendido como aquele que fala a verdade. Sócrates se descreve assim no diálogo contra a acusação de Cálicles, o qual afirmara que, como filósofo, aquele era inútil à política da cidade (Plat., *Gorg.* 521d6-e4):

SOC: Julgo que eu, e mais alguns poucos Atenienses - para não dizer apenas eu, - sou o único contemporâneo a empreender a verdadeira arte política e a praticá-la. Assim, visto que não profiro os discursos que profiro em toda ocasião visando a gratificação, mas o supremo bem e não o que é mais apazível, e visto que não desejo fazer “essas sutilezas” aconselhadas por ti, eu decerto não saberei o que

<sup>22</sup> Tradução de Fernandes (1984).

<sup>23</sup> Cumpre ressaltar que se trata do Sócrates construído por Platão, ou seja, do personagem através do qual Platão enuncia suas questões acerca da filosofia, amizade e outros assuntos. Poderíamos, por exemplo, pensar no Sócrates de Aristófanes, que seria completamente diferente do platônico.

dizer no tribunal. Mas o argumento que me ocorre é o mesmo que expus a Polo, pois serei julgado como se fosse um médico a ser julgado em meio a crianças sob a acusação de um cozinheiro.<sup>24</sup>

Nessa passagem, Sócrates se coloca, não do ponto de vista retórico, mas do ponto de vista político, como um homem de virtude. A descrição feita por Sócrates em sua fala, porém, condiz totalmente com a anterior descrição do que ele consideraria como uma retórica verdadeira, diferente da retórica lisonjeira dos sofistas e, conseqüentemente, como o rétor deveria agir. Horácio, de certo modo, procurou também criar uma *persona* que condizia com o “rétor verdadeiro” de Platão, colocando-se como “*uirtutis uerae custos rigidusque satelles*”, “da verdadeira virtude firme guardião e protetor” (*Ep.* I.1, v. 16-7).

Importante apontar que Horácio, assim como Virgílio e outros amigos, possuiu uma relação próxima, na década de 30 a.C., com Filodemo de Gádara, filósofo epicurista e poeta, mencionado na *Sátira* I.2. v. 121. Johnson (2010a, p. 323) considera que Horácio, vivendo em um momento de transformações sociais e políticas intensas, revive sua antiga ligação com Filodemo e seus ensinamentos. Armstrong (2004, p. 277) aponta para os ecos das ideias de Filodemo nas *Epístolas*, os quais se manifestam na relação existente entre a *Epístola* I.2 e a obra intitulada *Sobre o bom Rei de acordo com Homero*, de Filodemo. Segundo Armstrong, todos os exemplos de Horácio seguem o programa moral presente em tal obra<sup>25</sup>.

Johnson (2010, p. 323) argumenta que a distinção entre o discurso dos filósofos e o de Horácio é o fato de este não se oferecer como mentor para seus receptores, mas sim como um companheiro na caminhada pela busca do melhor modo de viver.

Cumprir perceber, ademais, que Horácio está se posicionando, no decorrer do livro (e em suas outras epístolas também)<sup>26</sup>, como um aconselhador e modelo para os novos escritores que estavam surgindo em Roma. Na *Epístola* I.19, v. 39-40, por exemplo, Horácio, defendendo-se dos que não aplaudiam sua obra e enfatizando que prefere ser lido e apreciado por poucos, assim enuncia: “*non ego nobilium scriptorum auditor et ultor/ grammaticas ambire tribus et pulpita dignor*”, “Eu não me reduzo, ouvinte e debatedor de escritores/ tão nobres, ambicionando tribos de

<sup>24</sup> Tradução de Nunes (2008).

<sup>25</sup> Armstrong (2010, p. 277) diz que as ideias de Filodemo de que um poeta é útil a partir do momento em que o filósofo mostra como ele deve ser lido, é exatamente o caminho que Horácio segue na *Epístola* I.2, ao indicar a releitura da *Iliada* e da *Odisseia*, apontando para o que deve ser extraído de ensinamento a partir dessas obras.

<sup>26</sup> A saber, as *Epístolas* a Augusto, a Floro e, claro, aos Pisões.

gramáticos e seus púlpitos”. Por debatedor, *auditor*, Horácio está remetendo à antiga prática de publicação na Roma de sua época, na qual os poetas levavam seus escritos incipientes para que seus amigos avaliassem e dessem suas opiniões para que o autor melhorasse os poemas<sup>27</sup>.

Horácio, pois, na *Epístola* I.19, está se colocando na posição de crítico do trabalho dos novos escritores. Essa preocupação de Horácio em dirigir-se aos novos artistas é analisada por Cucchiareli (2010, p. 295), que argumenta que na *Epístola* I.3, por meio da escolha de Júlio Floro, um jovem no mundo das letras, como destaque entre os novos escritores romanos, o poeta está promovendo um grupo com potencial para perpetuar o que ele considerava como literatura ideal. Nesse poema, Horácio dirige-se a Júlio Floro, orador e poeta, pedindo notícias sobre os feitos de Tibério (futuro imperador) em suas ações diplomáticas no exterior, acompanhado por uma corte de escritores. Tal episódio é um paralelo com o que ocorrera anteriormente com o próprio Horácio, quando este, junto com outros poetas, seguiu Mecenas na missão diplomática de reconciliar Marco Antônio e Otávio, narrada na *Sátira* I.5. A epístola prossegue com Horácio perguntando a Floro sobre as obras em que os acompanhantes de Tibério trabalhavam: “*Quid studiosa cohors operum struit? hoc quoque curo./ Quis sibi res gestas Augusti scribere sumit?/ bella quis et paces longum diffundit in aeuum?*”, “Que obra prepara a empenhada coorte? Isso também me interessa./ Quem se encarrega de escrever os feitos de Augusto?/ Guerras e pazes, quem as transmite ao longo tempo?” (Hor., *Ep.* I.3, v. 6-8). Na sequência o poeta pergunta sobre o que Tício, Celso, e o próprio Floro escrevem, demonstrando interesse no que esses jovens, que eram iniciados na literatura e abraçavam o círculo próximo da nascente *domus* imperial, estavam fazendo; ainda que obviamente Horácio não tivesse como saber que Tibério seria sucessor de Augusto, é evidente que esse jovem, mencionado no segundo verso da *Ep.* I.3.2 como “*Claudius Augusti priuignus*”, “Cláudio, enteado de Augusto”, representava o futuro, já engajado em missões importantes para a manutenção do *imperium*, apesar de seus 20 anos.

O poeta, então, como *auditor* de escritores habilidosos, coloca-se interessado em ser crítico dos trabalhos dos poetas da nova geração, atuando como aconselhador dos novos constructos literários. De acordo com Conte (1999, p. 316), aliás, a própria forma epistolar em si convém à

---

<sup>27</sup> Por exemplo, na *Epístola aos Pisões* (v.386-90), o poeta sugere que seus leitores aguardem bastante antes de tornar público um escrito, e que a primeira etapa a ser cumprida nesse processo é a de levar o texto para que algum amigo crítico possa avaliá-lo. Horácio, no trecho da *Epístola* I.19, está se colocando nesse papel de crítico literário, de amigo que poderia corretamente auxiliar a produção dos jovens escritores.

posição de um intelectual respeitado, referência e interlocutor da elite augustana, expressa pela *persona* experiente em contraste com os destinatários inexperientes.

Conforme notabiliza Trinacty (2012, p. 61), Horácio se interessa por uma suposta épica em honra a Augusto (*Ep* I.3, v. 7), algo que o próprio poeta havia declinado em fazer, mesmo que louvores ao imperador possam ser percebidos ao longo das *Odes*, mas não com o mesmo peso de um texto épico<sup>28</sup>. Trinacty observa, ainda, que o interesse de Horácio nesses jovens poetas da epístola é assinalado pelo uso de *curo* (v. 6), cuidado, verbo utilizado no poema programático no início do seu livro (*Ep*. I.1, v. 11). O poeta se assume, já nessa terceira epístola, como porta-voz experiente no fazer poético, algo que não pode ser desconsiderado e que diz muito sobre sua *persona*, pois ele se dispõe como preceptor de vários gêneros poéticos e temáticas. A repetição da linguagem, representada pelo verbo *curo*, pode indicar Horácio propondo ética e poesia como assuntos dignos de atenção (já que na *Ep*. I.1 tal verbo liga-se às preocupações filosóficas do poeta). Notória, ainda, a presença constante nas *Epístolas* de aconselhamentos concernentes tanto ao patronato, ou melhor, como se proteger dentro de uma relação de *amicitia* desmedida, como à literatura, expressando-se sobre assuntos que certamente eram de interesse geral na época de Horácio (CUCCHIARELI, 2010, p. 304). Dessa forma, Horácio, com o seu saber e bagagem, torna-se e coloca-se em uma posição que poderíamos elencar como a de um patrono cultural, cujos aconselhamentos literários e pessoais são tidos como presentes especiais dentro de uma relação de *amicitia* com seus destinatários, mas também com o vasto público. Essa ideia foi trabalhada por Whybrew (2006, p. 183): “Utilizando seu *status* como o de patrono cultural, Horácio demonstra que a sociedade [...] precisa tanto de filósofos quanto de poetas [...]”<sup>29</sup>, fazendo com que o seu sucesso enquanto vate permitisse a ele a adoção desse papel, ou seja, ele incorpora o poeta-filósofo ideal.

<sup>28</sup> Por exemplo, no início da *Sátira* II.1, quando Trebácio questiona a Horácio se ele elogiará Otávio como justo e magnânimo em seus escritos, e o poeta lhe responde dizendo que lisonjas sem propósitos não são do agrado do jovem César (nome incorporado por Otávio após a adoção e morte de Júlio César, em 44 a.C.), recusando, portanto, o elogio.

<sup>29</sup> Whybrew (*ibidem*), para corroborar com essa ideia cita a seguinte e importante passagem de Peter White (1993, p. 47): “*Success in poetry meant success in capital society, and that enabled a poet to wield influence over others even in spite of status handicaps*”, “Sucesso na poesia significa sucesso na sociedade da capital, e isso autorizava que um poeta exercesse influência sobre outros mesmo quando estivesse em desvantagem de *status*”. Dessa forma, como poeta famoso, Horácio pode se colocar nesse papel privilegiado.

## Considerações finais

A retórica não é uma arte que serve ao individual, mas ao coletivo, tratando do que “parece verdade para pessoas de uma certa condição” (Arist., *Ret.* 1356b 11)<sup>30</sup>. Parece-nos crível, assim, que Horácio dirigia-se a uma parcela bem específica da população e, desse modo, expressava e ajudava a moldar certas aceções nos membros das elites, sendo exemplo disso o modo como ele aconselha, na *Epístolas*, sobre as relações de patronato e sobre o fazer literário<sup>31</sup>.

Pouco importa se Horácio enviou antes as epístolas individualmente aos seus amigos e depois compilou-as em forma de livro. Interessa-nos, na verdade, perceber como os amigos e a amizade cumprem um papel fundamental nas *Epístolas*, e como, ao dirigir-se aos amigos, o poeta acaba tendendo à introspecção, revelando-se (CUCCHIARELI, 2010, p. 308). Essa manifestação de caráter, claro, cumpre o esperado dentro das convenções epistolares, tal como prescrito por Demétrio (227)<sup>32</sup>, bem como das convenções retóricas de Aristóteles (*Ret.*, 1377b 2), o qual enuncia que “muito conta para a persuasão, sobretudo nas deliberações [...] a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes [...]”, porque, como Aristóteles pronuncia no início da *Retórica*, um dos meios de persuadir é pela imagem de si mesmo que o orador estabelece publicamente. Vale, ainda, lembrar da conexão entre o caráter do poeta e o surgimento da diversificação poética, pois a mímese dos tipos de ações caminhava junto com o *éthos* do poeta (Arist., *Poet.* 4.1448b 24-7). Daí que, durante algum tempo, muitos pesquisadores, como Fraenkel (1957), viram na construção elaborada do *éthos* epistolar a autorrevelação do poeta real.

Conforme argumenta Piccolo (2009, p. 218), é deveras limitador definir as *Epístolas* como simples poemas, simples cartas, diálogos ou sátiras, uma vez que há uma mistura, um entrecruzamento bem peculiar de um tipo de literatura cotidiana com o hexâmetro da épica e da filosofia, de uma mensagem privada e pública ao mesmo tempo, que serve tanto ao peculiar, ao

---

<sup>30</sup> Tradução de Alexandre Júnior, Alberto e Pena (2005).

<sup>31</sup> A sociedade do final do século I a.C. a quem Horácio dirige-se é composta por diversos escritores e amantes de literatura textual, fazendo com que a crítica literária fosse um assunto bem importante a muitos membros da elite (CONTE, 1999, p. 316).

<sup>32</sup> Da Antiguidade, o único autor que nos legou prescrições sobre o gênero epistolar foi Demétrio, autor do tratado *Sobre o Estilo*, cuja datação é imprecisa: uns o inserem no período helenístico, outros no início do período imperial romano; contudo, as similaridades entre as normatizações de Demétrio e as *Epístolas* levam-nos a supor que Horácio conhecesse as discussões da teoria epistolográfica, sendo provenientes ou não da obra de Demétrio, as quais demonstraremos em outra ocasião, posto que abordar tal assunto com a atenção devida fugiria do propósito do presente artigo.



momentâneo (no caso, quando pensadas como cartas direcionadas aos destinatários mencionados) como ao perene (quando pensadas como cartas lidas por vasto público).

Seguindo o relevante apontamento de Fox (2007, p. 378), cumpre lembrar que a ideia de literatura no mundo antigo é diferente de como a concebemos atualmente, fruto do momento de transição entre Iluminismo e Romantismo, entre os séculos XVIII e XIX, quando as fronteiras entre as disciplinas (e o nascimento da ideia de ciência) modificou nossa maneira de lidar com categorias que na Antiguidade eram muito mais imbricadas. A literatura antiga não é uma categoria que pode ser separada do mundo, sendo difícil delimitá-la a um conjunto de textos específicos, bem como é difícil conceber o modo como as obras antigas eram compostas, pensadas. Nosso hábito de agrupar poetas, historiadores e filósofos em diferentes grupos de escritores, pelas evidentes diferenças de gêneros, por exemplo, não tinha a mesma significância na Antiguidade. Observar as *Epístolas* de Horácio sob tal perspectiva é pensar numa obra cujas fronteiras não devem ser limitadas, tanto no âmbito da arte poética quanto em suas implicações e relações sociais. Como Trinacty (2012, p. 75) observa, Horácio não desiste da poesia em detrimento da filosofia, mas mistura as duas categorias para criar seu livro, possibilitando questões sobre o poeta e seu papel na sociedade romana. A obra literária pode ser vista, dentre muitas formas, como expressão de forças sociais de seu tempo (FOX, 2007, p. 380). Como Maingueneau (2005, p. 7) chama a atenção: “a literatura [...] é também um ato que implica instituições, define um regime enunciativo e papéis específicos dentro de uma sociedade”. Apesar de não ser a preocupação desse autor a literatura antiga, acreditamos que tal ideia pode ser aplicada à literatura romana sem prejuízo.

### **Fontes primárias impressas:**

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

\_\_\_\_\_. *Poética*. In: GAZONI, Fernando Maciel. *A Poética de Aristóteles: tradução e comentários*. 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 30-127.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

- CÍCERO. *Do Orador*. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. 2009. 313 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Letras Clássicas do Departamento, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009. p. 147-308.
- CICERO. *On the Orator*, Books 1-2. Trans. Scott E. Sutton e Harris Rackham. Cambridge: Harvard University, 1942.
- \_\_\_\_\_. *The Letters to his Friends*. Trans. W. Glynn Williams. Cambridge: Harvard University, 1953.
- DEMÉTRIO. *Sobre o Estilo*. In: FREITAS, G. A. de. *Sobre o Estilo de Demétrio: um olhar crítico sobre a literatura grega (Tradução e estudo introdutório do tratado)*. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2001. p. 102-77.
- EPICURO. *Antologia de textos*. Tradução de Agostinho da Silva. In: EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA; MARCO AURÉLIO. *Antologias*. Traduções de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni e Jaime Bruna. São Paulo: Abril, 1985. p. 49-63.
- HORÁCIO. *Arte poética*. Tradução de Raul Miguel Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Tradução de Elpino Duriense, José Agostinho de Macedo, Antônio Luiz Seabra e Francisco Antônio Picot. São Paulo: Cultura, 1941.
- \_\_\_\_\_. *Epístolas I*. In: PICCOLO, Alexandre Prudente. *O Homero de Horácio: intertexto épico no Livro I das Epístolas*. 2009. 458 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009. p. 13-182.
- \_\_\_\_\_. *Sátiras*. Tradução de Edna Ribeiro de Paiva. Niterói: UFF, 2013.
- PLATÃO. *Górgias*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70, 2006.
- PLATO. *The Republic*. Trans. Paul Shorey. Cambridge: Harvard University Press, 1930.
- SUETÔNIO. Vida de Horácio. In: PICCOLO, Alexandre Prudente. *O Homero de Horácio: intertexto épico no Livro I das Epístolas*. 2009. 458 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009. p. 183-92.
- TACITUS. *Dialogus*. Tradução de William Peterson. In: TACITUS. *Dialogus, Agricola, Germania*. Trans. de William Peterson e Maurice Hutton. Nova Iorque: Macmillan, 1914. p. 17-148.

### Obras gerais:

- ALEXANDER, Michael C. “Oratory, Rhetoric, and Politics in the Republic”. In: DOMINIK, William; HALL, Jon. *A Companion to Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 98-108.
- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. *O Rei Máquina*. Tradução de Claudio Cesar Santoro. Brasília: Edunb, 1993. [1981]
- ARMSTRONG, David. “Horace’s Epistles 1 and Philodemus”. In: ARMSTRONG, David; FISH, Jeffrey; JOHNSTON, Patricia A.; SKINNER, Marilyn (Eds.). *Vergil, Philodemus, and the Augustans*. Austin: University of Texas, 2004. p. 267-298.
- \_\_\_\_\_. “The Biographical and Social Foundations of Horace’s Poetic Voice”. In: DAVIS, Gregson (Ed.). *A companion to Horace*. Malden: Blackwell, 2010. p. 7-33.
- BONNER, Stanley. *Education in Ancient Rome*. New York: Routledge, 2012. [1ª Edição: 1977]
- BRAREN, Ingeborg. “Por que Sêneca escreveu epístolas?” *Letras Clássicas*, n. 3, p. 39-44, 1999.
- CAIRNS, Francis. *Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Ann Arbor: Michigan Classic, 2010. [1ª edição: 1972].
- CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. “As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano”. *Rónai*, v. 2, n.1, 2014, p. 41-54.
- CONTE, Gian Biagio. *Latin literature: a history*. Traduzido por Joseph B. Solodow. Baltimore: The Johns Hopkins University, 1999. [1ª Edição: 1987].
- CORBEILL, Anthony. “Education in the Roman Republic: Creating Traditions”. In: TOO, Yun Lee (Org.) *Education in Greek and Roman antiquity*. Leiden: Brill, 2001. p. 261-288.
- \_\_\_\_\_. “Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire”. In: DOMINIK, William; HALL, Jon. *A Companion to Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 69-82.
- CUCCHIARELLI, Andrea. “Return to Sender: Horace’s *sermo* from the Epistles to the Satires”. In: DAVIS, Gregson (Ed.). *A companion to Horace*. Malden: Blackwell, 2010. p. 291-318.
- DINTER, Martin T. “*Sententiae* na Épica Latina”. *Letras Clássicas*, vol. 14, 2010, p. 51-62.
- DOMINIK, William; HALL, Jon. “Confronting Roman Rhetoric”. In: \_\_\_\_\_. *A Companion to Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 3-8.

- FOX, Matthew. “Rhetoric and Literature at Rome”. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 369-81.
- FRAENKEL, Eduard. *Horace*. Oxford: Clarendon, 1957.
- HABINEK, Thomas N. *The Politics of Latin Literature: Writing, Identity and Empire in Ancient Rome*. Princeton: Princeton University, 1998.
- HANSEN, João Adolfo. “Instituição retórica, técnica retórica, discurso”. *Matraga*, v. 20, n. 33, p. 11-46, 2013.
- HARRISON, Stephen. “Poetry, Philosophy, and Letter-Writing in Horace, Epistles I”. In: INNS, Doreen; HINE, Harry; PELLING, Christopher. *Ethics and Rhetoric: classical essays for Donald Russel on his seventy-fifth birthday*. Oxford: Clarendon Press, 1995. p. 47-61.
- HENDRICKSON, George Lincoln. “Are the Letters of Horace Satires?” *The American Journal of Philology*, vol. 18, n. 3, p. 313-24, 1897.
- JOHNSON, Walter Ralph. “The Epistles”. In: DAVIS, Gregson (Org.). *A companion to Horace*. Oxford: Blackwell, 2010a. p. 319-333.
- JOHNSON, William A. *Readers and Reading Culture in High Roman Empire: a study of elite communities*. Oxford: Oxford University, 2010b.
- KEITH, Alison. M. *Engendering Rome: Women in Latin Epic*. Cambridge: Cambridge University, 2004.
- KNOCHE, Ulrich. *La sátira romana*. Brescia: Paideia, 1969.
- LOPES, Daniel Rossi Nunes. “O filósofo e o lobo: Filosofia e Retórica no Górgias de Platão”. 2008. 466 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Discurso Literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAYER, Roland. “Horace’s Epistles I and Philosophy”. *The American Journal of Philology*, vol. 107, n. 1, p. 55-73, 1986.
- MOLES, John. “Poetry, philosophy, politics and play”. In: WOODMAN, Tony; FEENEY, Denis. *Traditions and Contexts in the Poetry of Horace*. Cambridge: Cambridge University, 2002. p. 141-157.

- PERNOT, Laurent. *Rhetoric in Antiquity*. Tradução de W. E. Higgins. Washington: The Catholic University of America, 2005.
- PICCOLO, Alexandre Prudente. *O Homero de Horácio: intertexto épico no Livro I das Epístolas*. 2009. 458 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009.
- STROUP, Sarah Culpepper. “Greek Rhetoric Meets Rome: Expansion, Resitance, and Acculturation”. In: DOMINIK, William; HALL, Jon. *A Companion to Roman Rhetoric*. Malden: Blackwell, 2007. p. 23-37.
- TRINACTY, Christopher. “The Fox and the Bee: Horace’s First Book of Epistles”. *Arethusa*, vol. 45, n. 1, 2012, p. 55-77.
- WEBB, Ruth. *Ekphasis, imagination and persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Burlington: Ashgate, 2009.
- WHYBREW, Linda. *The relationship between Horace’s Sermones and Epistulae Book 1: “Are the Letters of Horace Satires?”*. 2006. 265 f. Thesis (Doctorate of Philosophy) Department of Classics, University of Canterbury, Christchurch, 2006.
- WINSBURY, Rex. *The Roman Book*. London: Gerald Duckworth & Co., 2009.

Recebido em Maio de 2017  
Aprovado em Junho de 2017

